

A Mulher Representada Nos Livros De Literatura Infantil Contemporâneos:

Sementes De Ideias Lançadas Para Possíveis Brotos De Reflexão

Aline Escobar Magalhães Ribeiro

Lizbeth Oliveira de Andrade

Yngrid Karolline Mendonça Costa

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto

Como citar: RIBEIRO, A. E. M.; ANDRADE, L. O. D.; COSTA, Y. K. M.; GIROTO, C. G. G. S. A Mulher Representada Nos Livros De Literatura Infantil Contemporâneos: Sementes De Ideias Lançadas Para Possíveis Brotos De Reflexão. In : BRABO, T. S. A. M. (org.). **Educação, mulheres, gênero e violência**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p.241-254. DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-713-5.p241-254>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A MULHER REPRESENTADA NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL CONTEMPORÂNEOS: SEMENTES DE IDEIAS LANÇADAS PARA POSSÍVEIS BROTOS DE REFLEXÃO

Aline Escobar Magalhães Ribeiro

Lizbeth Oliveira de Andrade

Yngrid Karolline Mendonça Costa

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto

BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A literatura tradicional/popular, antes do livro infantil tinha função utilitária. O caráter pragmático procurava transmitir a experiência já vivida e, no final do século XVII e início do XVIII a Literatura Infantil surge de adaptações dos contos populares e lendas da Idade Média, a partir de um novo olhar voltado à infância, com o objetivo de atender às necessidades das famílias burguesas em ascensão, e assim, entreter a criança e transmitir-lhe noções morais.

De acordo com Meirelles (1984, p. 53) “os gêneros literários surgem dessas primeiras provas, afeiçoando-se já à fluência das narrativas, ao ritmo do drama, matizando-se em lenda, resumindo-se no breve exemplo do provérbio, gerando todas as outras espécies literárias.”

Assim, o campo literário voltado à criança e à juventude, nesse momento histórico, aponta para adaptações dos clássicos e apropriação dos contos de fadas via folclore.

Perrault e irmãos Grimm se encontram na gênese dessa literatura, além de outros autores que surgem no século XIX, como Andersen, Collodi, Barrie e Carol dentre outros que tornaram-se modelo de Literatura Infantil.

De acordo com Zilberman e Magalhães (1984, p. 4):

As ascensões respectivas de uma instituição como a escola, de práticas políticas, como a obrigatoriedade do ensino e a filantropia, e de novos campos epistemológicos, como a pedagogia e a psicologia, não apenas estão inter-relacionadas, como são uma consequência do novo posto que a família, e respectivamente a criança, adquire na sociedade. É no interior desta moldura que eclode a literatura infantil.

No Brasil, os primeiros exemplares voltados à infância aparecem por volta do final do século XIX e início do século XX sob a forma de traduções e adaptações e, assim como na Europa, apresenta forte ligação com interesses da Pedagogia, uma vez que as histórias eram produzidas também para atender a seus objetivos fortemente moralizantes, com um lugar de destaque para a família e para a mulher, vista como um poço de virtudes, boa, santa e pura. Conforme trecho da dedicatória do livro *Contos da Carochinha*, escrito por Alberto Figueiredo Pimentel em 1894 e citado por Amaral (2004): “[...] e lembra-te que a vida de família é a única feliz, que o lar é o único mundo onde se vive bem, onde a Mulher, boa, santa, pura, carinhosa, impera como rainha.” (PIMENTEL apud AMARAL, 2004, p. 22).

A posição de superioridade conferida à mulher contrapõe-se à repressão e ao confinamento no lar vivenciado pelas mulheres.

Para além de histórias com fundo didático-moralizante Lobato inova em 1921 com *Narizinho Arrebitado*, em que o grande desafio é a esperteza e a inteligência, com objetivo de entreter as crianças.

Lobato configura-se como uma exceção num cenário voltado ao ensino da moral e dos bons costumes.

Na década de 1940 há uma expansão da literatura em quadrinhos, contudo, prolifera-se uma literatura muito ligada, ainda, a uma educação moral e cívica.

Os anos de 1960 representam um período de transição para a década de 1970, que se expande aos anos de 1980 e estende-se até os dias atuais, em que os livros literários ganham notoriedade, com diferentes linguagens e com a presença, cada vez maior, da ilustração das histórias. São pensadas de modo a atrair a atenção da criança, diverti-la e estimulá-la.

Contudo, diante do retrospecto ora apresentado e com uma gama enorme de livros de Literatura Infantil que, inclusive chegam às escolas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), ainda são poucos os livros destinados às crianças que apresentam uma representação do feminino com vistas a uma formação de papéis, de funções, da constituição de homem e mulher que condizem com as necessidades de nossa sociedade atual..

Nos livros de Literatura Infantil, muitas vezes é possível perceber, que na representação do gênero feminino sobra tarefas desvalorizadas socialmente.

E nessas representações, cabe ao gênero feminino as tarefas e qualidades menos valorizadas socialmente, já que lhe é imputado um status inferior, estabelecendo-se uma hierarquia entre um gênero e outro com base em tais imagens, tão fortemente enraizadas na cultura, fica difícil perceber e aceitar alguém fora desse perfil, gerando permanentes situações conflituosas. E mais acirradas quando alguém se manifesta de outra maneira. (AMARAL, 2004, p. 17).

De acordo com a autora, a Literatura Infantil também pode contribuir para a reprodução da divisão dos gêneros no meio social, corroborando a representação de uma essência feminina e de outra masculina. Em sua pesquisa, Amaral (2004), aponta que diversas atividades consideradas como trabalho, situadas na esfera pública, são desempenhadas, nos livros de Literatura Infantil, pelas pessoas do sexo masculino, enquanto que as atividades domésticas aparecem representadas pelas pessoas do sexo feminino. E que, sendo assim, as características atribuídas ao gênero feminino e masculino podem ser apropriadas e reproduzidas pelas crianças e jovens leitores de modo a reproduzir desigualdades.

Cabe aos(as) professores(as) discernimento na escolha e no trabalho com os livros a serem ofertados às crianças e aos jovens leitores para que situações de distinção entre os gêneros que apareçam de forma explícita ou não nos livros de Literatura Infantil possam ser superadas. Além disso, um olhar voltado ao universo feminino e suas peculiaridades nos últimos anos, pode contribuir à produção de livros que abordem a temática de modo a trazerem referências e modelos condizentes com a realidade que cerca a sociedade atual.

A mulher da atualidade, pode assumir a posição de chefe de família, mas também pode contribuir como os homens nos diferentes espaços sociais, nas diferentes áreas do conhecimento científico e tecnológico e, por isso, merece ser respeitada, valorizada e representada com essas características.

Traçamos nesta abertura do texto, uma breve história da Literatura Infantil, apontando a influência social, cultural e política nas histórias, sobretudo, da representação das personagens femininas. Sobre estas, vamos detalhar melhor na próxima parte do nosso texto.

MULHERES DA LITERATURA INFANTIL X MULHERES MODERNAS

Ao buscarmos analisar a representação da mulher nos livros de Literatura Infantil do PNBE, acervo de 2010, nos propomos a compreender os papéis que a mulher desempenhava nas histórias, desde aspectos relacionados ao texto verbal, quando ela participa ativamente com falas na história, quando narram uma história sobre ela ou apenas a citam, até aspectos ligados ao texto não-verbal, em que fundo¹ a história se passa, em qual plano, segundo Faria (2006) a personagem da mulher está no plano primário, secundário ou terciário, e ainda, de acordo com Linden (2011) em algum enquadramento diferenciado, segundo a autora, enquadramentos são quadros, contornando a imagem, que podem aparecer dentro de uma mesma página ilustrada separando alguns aspectos que o ilustrador queira ressaltar, como por exemplo: qual sua fisionomia, vestes, cor de

¹ Entendemos como fundo a paisagem sobre a qual os personagens são inseridos. Se é de dia, a noite, numa floresta, num castelo, em casa, entre outros ambientes possíveis.

pele, qual profissão exerce, se cuida do lar e dos filhos, como interage com os outros personagens da história, etc.

Já havíamos analisado esses livros em outros aspectos, mais ligados aos elementos da linguagem, do projeto gráfico-editorial e das ilustrações, sem nos deter à representação da mulher, por causa de um projeto financiado pela PIBIC, chamado “Liz, Era o que Você Era Bolsista, Você Não Tem o Nome? Eu Não Lembro.” Como eram dois campus da Unesp no projeto (Marília e Presidente Prudente), dividimos os livros para as análises, utilizando neste trabalho os cinquenta que tínhamos conosco.

Após a análise dos livros, verificamos que dos cinquenta, vinte traziam a representação da mulher, ou seja, pouco mais de um terço dos livros, porém, a maioria deles representavam a mulher com papel secundário, dependendo de outros personagens para definir a sua história e se tornar feliz, como no caso dos contos em que a princesa depende do encontro com o príncipe para ser feliz para sempre.

O motivo da felicidade das mulheres estava relacionado as ações de outros personagens, como ganhar um presente esperado, encontrar alguém para casar e viver feliz para sempre, alguém que ajudasse a vencer os seus medos. Além disso, a mulher sempre aparecia em espaços demarcados, cultural e historicamente, como próprios da figura feminina, em casa, cuidando da limpeza, dos filhos, etc. Outras profissões ou ações possíveis para as mulheres quase não foram mencionadas neste acervo. É, ainda, nos livros de Literatura Infantil, muito frequente a representação da mulher com um papel secundário. Isso se deve as marcas históricas e culturais sobre a concepção da mulher e sua representação social, apesar das lutas e conquistas ao longo dos anos, a mulher ainda é projetada como frágil, delicada, dependente, sentimental, sobretudo, associada à imagem de mãe, cuja função aprece como principal papel na sociedade. Desse modo, o livro como fruto e objeto da cultura humana historicamente acumulada, chega a nós com uma narrativa a ser contada e preñhe de concepções, isto tem relação com a intenção e o intuito em fazer o livro ou texto. Segundo Perrotti (1986), a confirmação da intencionalidade de um texto dependerá de todas as configurações possíveis, desde a escolha vocabular, a configuração gráfica, escolha das cores, tamanho do livro, dentre outras. Tudo isso

muda de acordo com o público a que se destina, das concepções de quem escreve, do momento histórico e político, etc.

Assim, ao termos contato com o livro, recebemos muitas informações que às vezes não percebemos estar contidas no texto verbal ou não-verbal e por isso, questionamos a representação da mulher presente nos livros que estão compondo as bibliotecas das escolas públicas do nosso país. Caberia aqui questionarmos tantas outras concepções presentes nos livros que chegam às nossas crianças, como por exemplo, qual a representação de infância? Qual a representação de família? Qual a representação de homem na nossa sociedade? Quais são as concepções políticas valorizadas nesses livros? Até mesmo, qual a concepção de livro, posto que vivemos num período em que as marcas digitais estão muito presentes em grande parte da sociedade.

Diante da limitada quantidade de linhas para a exposição de nossas ideias, nesse momento nos limitaremos a analisar a representação da mulher, mas deixamos sementes de ideias lançadas, para que possíveis brotos possam surgir por meio da leitura deste texto. .

Passamos, agora, a descrever o encontro que ofertamos no mini-curso do evento “XII Semana da Mulher – Mulheres, gêneros, violência e educação”, na Unesp – campus de Marília, no mês de Março do ano de 2015, intitulado “A representação do feminino nos livros de Literatura Infantil: uma análise do texto verbal e não verbal.”

MINI-CURSO E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Conforme apontado anteriormente, os livros de Literatura Infantil analisados, pouco representavam as profissões das personagens femininas e quando apareciam, estavam relacionadas a dona de casa, no entanto, quatro livros trouxeram a figura da mulher de forma mais contemporânea. Dos quatro, dois foram escritos por uma mulher, a autora Sylvia Orthof, já falecida e conhecida por suas histórias irreverentes.

A autora e ilustradora adentrou nesse universo a convite de ninguém menos que Ruth Rocha, publicou mais de 120 livros e ganhou vários prêmios por eles, incluindo o Jabuti de 1982 e selos de “altamente recomendável para crianças” pela Fundação Nacional do Livro Infantil

e Juvenil. Faleceu em 1997, deixando de herança livros infantis maravilhosos. (LETRAS PORTUGUÊS, 2011).

A outra foi escrita por Marcelo Duarte, jornalista brasileiro, formado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, é também

o criador da série 'O Guia dos Curiosos', já passou pela redação das revistas Placar, Playboy, Veja São Paulo e foi colaborador da Próxima Viagem, Sexy e SET. É dono da Editora Panda Books, especializada em livros de referência. É apresentador do programa 'Você é Curioso?', na Rádio Bandeirantes, comanda o Loucos por Futebol, na ESPN. (UOL, 2015).

Os dois livros escritos por Sylvia Orthof, *Se as coisas fossem mães* (1984) e *Ervilina e o Príncipe ou Deu a louca em Ervilina* (2009), mostram a figura feminina como personagem principal em suas narrativas, o foco no texto não-verbal é dado de acordo com o impacto dado pela autora nas histórias, no entanto, apenas o segundo livro representa a mulher como personagem, e por isso foi selecionado para nossa análise. Trata-se da história de um príncipe que busca alguém tão delicada, capaz de sentir uma ervilha embaixo de muitos objetos. Ervilina, moça pobre e pastora, em meio a muitas princesas, acaba sendo a única a sentir a ervilha, mas se nega a casar com o príncipe e volta para ser pastora junto de seu rebanho e com seu namorado, com quem quer se casar, quebrando o paradigma de que as mulheres buscam somente príncipes e que não querem ter outra função que não seja ser princesa e viver feliz para sempre.

O livro de Marcelo Duarte, *A mulher que falava pára-choquês* (2008), foi publicado pela editora Panda Books, a qual Marcelo é o dono, e também traz uma representação de mulher contemporânea, trabalhadora, que trabalha em uma cabine de pedágio de uma rodovia, além de ter suas funções em casa e relações sociais com outras pessoas como vizinhos e um namorado. Nessa narrativa, a personagem também ocupa papel central e tudo se desenrola a partir de suas ações, tanto no texto verbal, quanto no texto não-verbal.

O quarto texto é um poema de Carlos Drummond de Andrade, intitulado “Lembranças de um mundo antigo”, contido no livro *A cor de cada um* (2007). Este poema retrata a figura da mulher como uma cuidadora de irmãos mais novos, que pretende conhecer um rapaz bom.

Dos quatro livros em que encontramos a representação da mulher, escolhemos *Ervilina e o Princês ou deu a louca em Ervilina* (1984), para contrapor o poema “Lembranças de um mundo antigo”, com o intuito de discutir a representação da mulher em cada um deles.

Lemos primeiro o livro de Sylvia Orthof e começamos com algumas indagações referentes às indicações que a própria autora apresenta no livro. Sylvia brinca com as palavras, rompe com o tradicional e apresenta cada parte do livro, a começar pela descrição da página de rosto, que ela chama de “ta na cara”. A ilustradora Laura Castilhos utiliza todos os espaços iniciais do livro, para dar pistas sobre a história, como na capa e na página de rosto.

Segue parte da nossa conversa, neste primeiro momento.

PALESTRANTE 1: Após a página de rosto, ou página ‘ta na cara’, como chama Sylvia Orthof, quais figurações aparecem? PALESTRANTE 2: Um dragão. LAI²: Um cavaleiro. TAN: Um castelo. TAN: Bruxas. PALESTRANTE 3: Alianças. PALESTRANTE 1: Esses aspectos estão presentes em contos clássicos? PARTICIPANTES: Sim. PALESTRANTE 1: Mas já tinha começado a história ou ainda irá começar? (silêncio) PALESTRANTE 1: Vamos ver então.

Como os(as) participantes ainda não conheciam a história era importante destacar os aspectos dos contos clássicos para que, ao conhecerem esta narrativa percebessem a diferença desse conto contemporâneo em relação aos clássicos.

Nesta História, Sylvia Orthof, propõe um reconto do conto “A princesa e a Ervilha” escrita pelo dinamarquês Hans Christian Andersen, “[...] na qual um príncipe procura uma ‘princesa de verdade’ para se casar com ela, e uma moça é testada com uma ervilha.” (LETRAS PORTUGUÊS, 2011). O fio condutor da história é mantido, mas os acontecimentos e,

² Utilizamos as três últimas letras dos nomes dos participantes, para asseguramos o sigilo

principalmente, o desfecho são surpreendentes. A autora descreve essa proposta de recontar a história clássica logo no início.

Vou contar, cá do meu jeito,
uma história muito antiga,
muito feita de princesa,
história de rei, de rainha,
história toda encantada,
melada de bruxa e fada,
história recontada
que resolvi aumentar.
Quem conta um conto, aumenta,
um ponto mais, outro mais,
transforma, vira e inventa,
quem conta um conto
refaz. (ORTHOFF, 2009)

Como se pode observar, o texto é escrito em versos, com um estilo diferente dos contos tradicionais. Há uma preocupação com as rimas. A autora faz, também, uma rica descrição do espaço e das personagens.

Há um anúncio, presente no texto verbal, em determinada parte da narrativa, informando as moças da cidade que o Príncipe quer se casar e que busca uma moça muito meiga, que seja delicada como uma rosa ou uma fada, para se casar e ser feliz para sempre. Isto faz parte dos contos clássicos, a ilusão de uma moça frágil, que seja desejo de um príncipe, que deve conquistá-lo para ser feliz para sempre.

Após a leitura do anúncio ouvimos a seguinte fala de uma das participantes:

NAT: Coitado, ele deve estar iludido para achar uma moça assim!

Outro aspecto ligado ao texto não-verbal foi dito por uma participante em relação aos enfeites denotativos da figura feminina.

KET: Uma representação do feminino presente na ilustração são os enfeites, as mulheres com 'lacinho', colar enfeites nos cabelos, brincos, como se a mulher tivesse sempre que estar enfeitada, bonita, para chamar atenção.

Esta representação do feminino é mais atual e discutimos um pouco essa questão, até mesmo porque, nem sempre as mulheres se enfeitam para chamar a atenção, simplesmente o fazem porque gostam, porque se sentem mais bonitas e isso é muito subjetivo. Os adereços também são herdados histórica e culturalmente. Cada grupo social abordaria essa questão de maneira diferente, mas, pensando no texto não-verbal isso pode ser considerado uma representação da mulher da realeza, os adereços, neste caso, seriam a confirmação do poder e riqueza das candidatas. Na história lida, todas as candidatas ao trono de princesa passavam uma noite no castelo. Elas dormiam em cima de uma cama especial com três colchões, vinte cobertores, lençol bordado com quatro ramos de flores e uma pedrinha embaixo de tudo isso. Quem conseguisse sentir a pedrinha seria a tão delicada princesa para o Príncipe.

Todas as candidatas foram reprovadas, mas o rei sabia que faltava uma em suas terras e mandou buscá-la, era Ervilina, que veio contrariada. Porém, a personagem ao chegar não era uma figura que inspirasse a realeza, por isso suscitamos:

PALESTRANTE 3: Reparem na roupa desta moça, como é? ADV: É toda remendada, com o cabelo meio bagunçado. PALESTRANTE 3: E o que vocês acham, esta representação feminina estaria ao gosto da realeza? LAR: Não. PALESTRANTE 1: Todas as outras estavam de sapatos e essa não tem.

Para dificultar, a rainha mandou tirar a pedra e colocar uma ervilha no lugar para ver se ela seria mesmo delicada.

LAR: É porque a rainha não queria mesmo de jeito nenhum que ela sentisse a pedra, não é? Por isso que ela troca por essa ervilha redonda.

Realmente não adiantou a rainha fazer seus truques, porque ela sentiu a ervilha. O Príncipe se alegrou porque tinha encontrado a tal moça que gostaria, veio com as alianças, porém, a moça se negou a casar-se com ele, pois se casaria com o moço de quem era namorada e voltaria para cuidar do rebanho que era pastora. A última ilustração dá indícios de que o Príncipe acaba não gostando, mostra a língua em sua janela e dá adeus.

Nesta história de Sylvia Orthof, além da narrativa buscar uma moça que dá o foco e encadeamento a tudo, ela traz um desfecho inesperado se comparado com os clássicos, como já dissemos, mas, além disso, no texto não-verbal, Laura Castilhos, a ilustradora, traz várias representações da mulher, com exemplos de mulheres com sapatos de salto, sem salto, sem sapatos, com enfeites, com brincos, sem enfeites, sem brincos, com roupas bonitas, roupas remendadas, com profissão, sem profissão explícita, etc., então, mesmo para a época em que foi escrito pela primeira vez, em 1986, devido a morte da autora, já traz aspectos e cuidados que tratam da mulher com atitude, capaz de ter profissão, de tomar suas próprias decisões, não optando apenas por um príncipe, sobretudo marca o caráter emancipatório. São representações mais próximas do real e da vida de uma boa parcela das mulheres do nosso tempo. Após essa leitura, passamos para o poema de Carlos Drummond, em que pudemos comparar as diferentes representações, possíveis na literatura, sobre as mulheres.

O poema apresenta características mais próximas da escrita tradicional, desde a sua configuração visual, até a escolha das palavras. Clara, a mulher descrita pelo autor, não tem grandes atitudes, ações ou desejos, é apenas uma mulher que passeia no jardim com as crianças em um dia ensolarado.

LEMBRANÇA DO MUNDO ANTIGO

Clara passeava no jardim com as crianças.

O céu era verde sobre o gramado,

a água era dourada sob as pontes,

outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,

o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,

a menina pisou a relva para pegar um pássaro,

o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranqüilo em redor

de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.

A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia perigo.

Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os insetos.

Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,

esperava cartas que custavam a chegar,

nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no jardim, pela manhã!!!

Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!! (ANDRADE, 2007, p. 11).

Em nossa discussão vemos o quanto o discurso estético, segundo Perrotti (1986) em que a arte faz parte, não se preocupando apenas com aspectos morais e educativos (preocupação dos discursos utilitários), ainda se faz pouco presente na vida de muitas crianças que, ao terem acesso aos livros, continuam a aprender e a ter a visão simplista do papel da mulher.

Por isso, nossas interlocutoras no mini-curso relataram o desejo de muitas meninas com quem convivem em escolas, em casa e em outros espaços, ainda nos dias atuais, de conhecerem um príncipe para se casarem e serem felizes para sempre, como nos contos clássicos. Isso evidencia a importância de ofertarmos não só os contos clássicos para as crianças, mas outras histórias que representem a mulher em diferentes funções, para mostrar às crianças que há várias funções a escolher para desempenhar, sem que a única opção para ser feliz para sempre seja se casar com um príncipe.

POSSÍVEIS CONCLUSÕES

Por meio de nossas análises percebemos que, a representação das mulheres na Literatura Infantil ainda está muito ligada a clássicos infantis, altamente conhecidos pelas crianças, deixando de retratá-las em diferentes espaços, com diferentes funções, profissões, atitudes, vestimentas, tais quais são parte de nossa sociedade atual. Surpreendeu-nos nas análises que a representação da mulher com atitudes mais contemporâneas tenham sido colocadas justamente por uma mulher (autora) já há mais de vinte anos e apenas por um homem (autor) recentemente. Isso demonstra que é necessário haver a oferta de livros com a representação das diferentes mulheres de hoje, desde seus traços fisionômicos, ocupação social até o seu modo de ser e de encarar a vida, porque há muitas mulheres bem aventureiras que se diferenciam, e muito, das princesas dos contos clássicos.

Sabemos também que a escolha da metade dos livros em títulos aleatórios pode ter influenciado nos resultados obtidos, mas, ainda assim, acreditamos que não teríamos resultados muito diferentes dos encontrados e expostos neste texto.

Enfim, acreditamos que precisamos investir mais na criação de livros que representem a diversidade presente em nossa sociedade, não só na representação da mulher, mas na representação racial, representação de

gêneros, etc., principalmente por esse programa de política pública, que acaba ofertando a maior parte do acervo de livros para as crianças de nosso país, para que possam compreender e imaginar as diversas possibilidades que a Literatura Infantil e a vida podem proporcionar.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, C. I. *Representações do feminino e do masculino nas estórias infantis*. 2004. 197 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- ANDRADE, C. D. de. Lembranças de um mundo antigo. In: _____. *A cor de cada um*. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, B. V. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 3. ed. São Paulo: Global Editora, 1984.
- DUARTE, M. *A mulher que falava pára-choquês*. São Paulo: Panda Books, 2008.
- FARIA, M. A. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006, 156 p. (Col. Como usar na sala de aula).
- LETRAS PORTUGUÊS. Ervilina e o Príncipe. *Revista Online de Literatura Infantojuvenil*, 2011. Disponível em: <<http://eraumavezuem.blogspot.com.br/2011/10/ervilina-e-o-princes.html>>. Acesso em: 30 abr. 2015.
- LINDEN, S. V. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução Dorothee de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- MEIRELLES, C. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.
- ORTHOFF, S. *Se as coisas fossem mães*. 22. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ORTHOFF, S. *A Ervilina e o Príncipe ou deu a louca em Ervilina*. Porto Alegre: Projeto, 2009.
- PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986.
- SANDRONI, L. C. O nacionalismo na literatura infantil no início do século XX. In: KHÉDE, S. S. (Org.). *Literatura infanto-juvenil um gênero polêmico*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 31-42.

UOL. *É SP que não acaba mais Programa*. 2015. Disponível em: <<http://bandnewsfm.band.uol.com.br/Colunista.aspx?COD=257&Tipo=>>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1984.